

CREMILDA MEDINA (organizadora)

AUTORES

Angela Balbão, Cecília Borges, Cremilda Medina,  
Egídio Lima Dórea, Esther Martirani, Ety Veríssimo,  
Katiúscia Lopes Fogaça, Márcia Cabral,  
Mário Lucena, Neuza Carvalho, Renata Bueno,  
Sinval Medina, Sonia Regina Cunha

**REPROPOSTA**  
**para todas as idades**

DOI: 10.11606/9788572052313

1ª. Edição

São Paulo  
ECA – USP  
2019

## Por que me contaminei com entusiasmo?

P

**Cremilda Medina**

Primeiro, penso na alteração numérica das sociedades contemporâneas. Só a partir do momento em que o significativo acréscimo de idosos alterou a demografia contemporânea, o paradigma da sociedade urbana e industrial foi questionado: o que fazer com essa população antes minoritária e descartável? Hoje, o envelhecimento da população está nitidamente previsto não apenas nas sociedades do Norte como no próprio Brasil. O que é importante sublinhar em segundo lugar? A Universidade de São Paulo, pioneira em muitas iniciativas, da pesquisa em agronomia à física nuclear, se mostrou atenta às novas tendências populacionais já no século passado.

Ao reconhecer a demanda da terceira idade em seu espaço acadêmico, pesquisadores eméritos como Ecléa Bosi (1936-2017) assumiram, com lucidez e entrega apaixonada, os desafios de um novo programa com a contribuição generosa de muitos docentes de vários campos de conhecimento que abrigaram, em suas disciplinas de graduação, além dos jovens alunos, o convívio inédito dos mais idosos.

Ao aderir ao programa USP Aberta à Terceira Idade, criado em 1993, ofereci, à primeira idade de acadêmicos e à melhor idade dos há muito tempo escolarizados, o laboratório da disciplina *Narrativas da Contemporaneidade*. Enca-

rei mais essa experiência pedagógica como um campo complementar de estudos e descobri sentidos profundos do intercâmbio etário. Sentidos esses que se projetaram na pesquisa da Dialogia Social, enquanto visão de mundo complexa, ação relacionadora e narrativa estético/autoral dos temas coletivos que emergem da contemporaneidade. Como a pedagogia laboratorial de que me valho, pressupõe trabalho de campo, contato presencial com o mundo e seus protagonistas sociais, ou melhor, mover-se em direção ao Outro (ou como diria o poeta Fernando Pessoa, "outrar-se"), logo percebi o dinamismo dos alunos da terceira idade perante certa preguiça dos jovens internautas, que tendem ao estado de corpo estanque diante das máquinas e evitam se lançar às rugosidades da rua, sem controles eletrônicos. Percebe-se, de imediato, que os mais jovens preferem imaginar a realidade com filtros ideológicos "formatados" na sua subjetividade. A auto alimentação trava o movimento para o Outro; o sonho de realização projetado para o futuro instabiliza a experiência do presente, ofusca a pesquisa do passado; sem raízes histórico-culturais e projeções instáveis no futuro, turvam-se as descobertas do contato vivo com o presente. Já os mais maduros se revelam inquietos e curiosos com um presente permeado de memórias, urgências e limitações do futuro.

O encontro e o desencontro dessas gerações no meu projeto de pesquisa confluíram para trocas expressivas. Com surpresa e encantamento, me vi coordenando motivações intercambiadas: os repórteres idosos (às vezes com problemas de acessibilidade) empurram os jovens musculosos a se deslocarem da sala de aula ou da frente do computador ou do mundo das ideias, para os desafios do diálogo no mundo das vivências. E, para ser justa com os mais novos, no momento culminante em que se trata de criar uma escrita (*lato sensu*) autoral ou seja, a narrativa dialógica, os alunos da graduação denotam imediata ousadia poética e partilham com os idosos estímulos inovadores, atrofiados numa codificação estratificada (principalmente, a linguística). Merecem referência os resultados da primeira década deste século na autoria dos alunos da terceira idade na série de livros-reportagem *São Paulo de Perfil* que coordenava com os alunos de graduação da Escola de Comunicações e Artes, numa disciplina interdisciplinar, *Narrativas da Contemporaneidade*.

Nos volumes a partir do 18º (*Viagem ao sol poente*, titulado em 1995, e publicado em 2001), do conjunto de 27 títulos que editei, começam a se destacar autores como Regina Célia Rocha, João Jorge Escudeiro, Izaura Marques Piffer, cujo perfil "Izaurinha, de atriz a repórter", elaborado por Angela Balbão consta desta edição. Novos alunos como Hilda Gertrudes e Vera Vicente de Azevedo assinam narrativas posteriores, como em *Ó Freguesia, quantas histórias* (23º, 1999), Etty Verissimo escreve em *Sagas do Espigão, 90 anos de medicina e vida* (24º, 2002) e adere à fidelidade dos primeiros autores que não saem mais dos sumários da série. Mas a aluna de graduação à época, Katiúscia Lopes, hoje mestre e doutora em Ciências da Comunicação pela USP e recém formada em Medicina, colabora nesta edição com uma justa homenagem a esses escritores da terceira idade com quem conviveu na oficina pedagógica de *Narrativas da Contemporaneidade*.

Ao ser convidada, em agosto de 2018, para retomar este projeto pelo professor Egidio Lima Dórea, coordenador do USP Aberta à Terceira Idade, e pela ex-aluna Etty Verissimo, me propus apresentar um renovado delineamento de pesquisa, cujo produto editorial, agora digital, teria de sublinhar os alicerces epistemológicos do projeto acadêmico que desenvolvo na USP desde 1970 (com estudos precursores na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, onde me iniciei à docência acadêmica em 1967). A linha de pesquisa, *Epistemologia do Diálogo Social*, constituída em grupo de pesquisa credenciado pelo CNPq, sustenta a fundamentação teórico-empírica da realização do atual projeto. (Ver Anexo).

A apresentação que escrevi para a primeira edição da revista *Reproposta*, em 2006, citava dados do IBGE de 2004: a população brasileira havia dobrado em 35 anos. Em 1970, 90 milhões de habitantes, na época da pesquisa demográfica, 180 milhões. Estimava então que em 2050 seriam 260 milhões e a expectativa de vida, ao nascer, 81,3 anos, a mesma dos japoneses em 2004. Anunciava também o envelhecimento: o grupo de 0 a 14 anos representava, em 2000, 30% da população, enquanto os maiores de 65 anos eram apenas 5%; em 2050, os dois grupos se igualariam em 18%. Acrescentava-se o seguinte dado: a projeção do IBGE em 2004 estipulava que a população brasileira pararia de au-

mentar em 2062.

As previsões do mesmo instituto foram atualizadas em 2018. Estimam-se hoje 208 milhões de habitantes. Os analistas enfatizam, do ponto de vista econômico, o envelhecimento da população brasileira, seguindo a tendência de outras sociedades. Nessa leitura, o “bônus demográfico” está acabando e o número de pessoas em idade ativa, entre 15 e 60 anos, terá aumento inferior ao da população, com a participação crescente de idosos. Estes dados, traduzidos pela economista Zeina Latif, em artigo publicado no jornal *O Estado de S. Paulo* (16/08/2018), trazem como consequência uma outra realidade: o crescimento da renda per capita dependerá de uma maior produtividade da mão de obra.

As projeções da ONU, a partir de 2025, indicam o aumento de crianças e idosos em relação ao total dos brasileiros em idade ativa. Até 2100, haverá, segundo essas previsões, quase nove dependentes para dez brasileiros de 15 a 64 anos, o dobro do atual. A fatia de crianças – prossegue o prognóstico demográfico – em relação à população ativa, que alcançou 80% no boom da década 1960, encolherá para 25%. Já a percentagem de idosos, hoje pouco acima de 10%, saltará para 63% em 2100. Dados internacionais, assim como os dados nacionais do IBGE, avaliam que essa nova etapa trará um desafio maior para os países que não aproveitaram as vantagens do período da expansão da força de trabalho.

Como contraponto a estas interpretações que se detêm no âmbito econômico – e há suficientes razões para inventariar tais dados – o programa USP Aberta à Terceira Idade oferece perspectivas emancipatórias para o bônus da longevidade.

Ao asilamento ou ao descarte dos “esclerosados”, dos dependentes inativos que, embora não sejam incluídos nos índices de marginalidade, mas se expressam no ostracismo, a instituição criou oportunidades de convívio da excelência acadêmica de seus pesquisadores com a excelência humana dos alunos de terceira idade. E essa história deve ser contada e incorporada a um meio de comunicação social como o *Reproposta*.

Não se trata de um simples noticiário do que acontece no âmbito deste programa da USP, embora os serviços que presta em várias unidades e “campi” sejam fundamentais como informação básica. Tais informações, no entanto, exi-

gem uma ampliação interpretativa, cuja metodologia está proposta na pesquisa de meu primeiro livro, publicado na USP em 1973, *A arte de tecer o presente*. Ao reportar determinada circunstância social, no caso a USP Aberta à Terceira Idade, compõem uma narrativa densa e tensa os protagonistas do projeto, os contextos sociais em que se incluem, as raízes histórico-culturais que lhes dão traços identitários e as análises, reflexões e ensaios que diagnosticam e prognosticam sua condição humana. A estilística que produz sentidos sobre o tema se vale, pois, de histórias de vida (protagonismo), racionalidade complexa para armar nexos da experiência coletiva (contextos sociais), ensaísmo multidisciplinar conjugando vozes históricas e antropológicas (raízes histórico-culturais) e entrevistas especializadas (diagnósticos e prognósticos). Os autores dessa escrita, uma das importantes *narrativas da contemporaneidade* conscientizam e põem em prática uma mediação social dialógica, motivados em um laboratório pedagógico decorrente da pesquisa contínua que pude desenvolver na graduação e na pós-graduação (32 doutores, 29 mestres, dois pós-doutorados), ao longo de décadas na USP e em outras universidades em que propus seminários e oficinas de formação de mediadores-autores na comunicação social.

Assim, a reedição deste projeto se insere nas bases epistemológicas de um tripé: a valorização solidária da terceira idade, o aprimoramento da racionalidade complexa para acompanhar sua presença ativa nas sociedades contemporâneas e a sensibilidade poética para narrar seus movimentos. A oficina interdisciplinar de *Narrativas da Contemporaneidade*, que posso oferecer aos atuais alunos do programa, encaminha o laboratório de mediação autoral para experimentar uma prática efetiva de comunicação social (e não de simples divulgação informativa), sob forma do novo *Reproposta*.

**Eis o desafio que este livro submete aos leitores de todas as idades.**

## Referências

LATIF, Zeina. O Brasil nos trilhos. In: *O Estado de S. Paulo*, 16 ago. 2018. Disponível em: <https://bit.ly/2HGJG5o> Acesso em: 12 dez. 2018.

MEDINA, Cremilda; LEANDRO, Paulo Roberto. *A arte de tecer o presente*. São Paulo: Média, ECA-USP, 1973.

MEDINA, Cremilda (org.). **Viagem ao Sol Poente**. Série São Paulo de Perfil, v. 18. São Paulo: ECA/USP, 2001.

\_\_\_\_\_. **Ó Freguesia, quantas histórias**. Série São Paulo de Perfil, v. 23. São Paulo: ECA/USP, 1999.

\_\_\_\_\_. **Sagas do espigão**. Série São Paulo de Perfil, v. 24. São Paulo: ECA/USP, 2002.